

“Asterix, o gaulês”, de René Goscinny e Albert Uderzo Supra-sumo das HQs de inspiração histórica

Gabriel Lopes Pontes

Artista plástico e quadrinista; ficcionista e dramaturgo, teatrólogo e cineasta; historiador da Arte e arte educador.

Independentemente de integrar uma série, cada álbum de Asterix pode ser encarado como uma obra isolada. Assim, *Asterix e o caldeirão*, por exemplo, embora fazendo parte de um conjunto (célebre) de trabalhos, em que os mesmos personagens são sempre apresentados nos álbuns componentes da série com suas características psicológicas e seus cânones plásticos fundamentais preservados, vivendo aventuras no mesmo ambiente básico que povoam, vale também como obra autônoma. Trocando em miúdos, diríamos que os personagens que aparecem nos diversos álbuns da série são sempre os mesmos. Asterix, Obelix, Idéiafix, Júlio César, romanos, gauleses, piratas e cia., desenhados sempre do mesmo jeito, comportando-se sempre do mesmo jeito, atuando no mesmo tempo (por volta de 50 a.C.) e no mesmo espaço (o mundo antigo), vivendo peripécias condizíveis, ainda que exageradas e atualizadas, com essas dadas circunstâncias. É possível ler um dos álbuns e desfrutá-lo sem jamais tomar conhecimento da existência das outras aventuras da série. Você poderá dizer que adora o personagem Asterix, *frontman* da série Asterix, que você também adora, e que, dentre os álbuns que compõem a série, o seu preferido é este ou aquele. Aliás, caso você nunca tenha lido Asterix, considere-se um ser completamente desintonizado com sua época, e, caso você já tenha lido e essa leitura não tenha lhe provocado nenhum arrebatamento, permita-me imaginá-lo como uma criatura taciturna, de inclinações fúnebres e hábitos ascéticos, pois Asterix, além de suas indiscutíveis qualidades estéticas, é, sem dúvida, o supra-sumo das HQs de inspiração histórica.

Não posso me esquivar de falar dele e de sua turma. Falar de Asterix é, para o estudioso de HQ, algo assim como falar de Pelé para o historiador do futebol. Uma tarefa que envolve prazer e deferência.

Clássico dos clássicos, ícone maior da HQ universal, Asterix é uma unanimidade entusiasmada entre os fãs da Nona-Arte. Com certeza absoluta, a maioria esmagadora deles responderia “Asterix” se lhes fosse perguntado qual personagem salvariam de um hipotético apocalipse.

O pequeno gaulês narigudo, de imensos bigodes louros, nariz descomunal, astúcia incomum, irresistível charme e capacete cujas asas se posicionam para sublinhar suas expressões faciais, emprestou seu nome ao primeiro satélite de comunicações francês e continua sendo tema de inumeráveis teses acadêmicas ao redor do mundo, que o enfocam sob as mais diversas perspectivas.

E, ao criá-lo, Goscinny & Uderzo, não criaram apenas um personagem memorável, criaram um coadjuvante que se completa com ele à extrema perfeição, pois, ao sagaz Asterix, ao Asterix malicioso dos grandes ardis e do brilho maroto nos olhos, se acrescentou o obeso e encantadoramente oligofrênico Obelix. Para além do cavaleiro francês Humberto Mil-Folhas e do índio Humpa-Pá, que dá seu nome à série, também criada por Goscinny & Uderzo; para muito além do cabo Blutch e do sargento Cornelius Chesterfield, integrantes do exército da União durante a guerra civil norte-americana, produtos da mente dos belgas Louis Salverius e Willy Lambil; para além mesmo do jornalista aventureiro Tintin e de seu *fox terrier* pelo-de-aramé Milú, criações impagáveis do também belga Hergé, Asterix & Obelix são, indubitável e inquestionavelmente, a grande dupla da HQ mundial.

Caído quando bebê na poção mágica do druida Panoramix – arma secreta dos gauleses que lhes dá a força sobre-humana necessária para que oponham resistência às legiões romanas – Obelix é capaz de carregar um menir em cada mão (*Obelix & Companhia*), arrastar por uma corda uma frota de veleiros egípcios, correndo à margem do Nilo (*Asterix & Cleópatra*), e dizimar vorazmente a população de javalis dos bosques da Gália, devorando, com igual glotonaria, diversos perus, um dos quais recheados com um urso (*A grande travessia*). A não ser na primeira da série, Asterix nunca participa de uma aventura sem o seu colossal amigo, pois a complementaridade de ambos é tão grande que fica difícil dizer onde um termina e o outro começa. Brigam feito cão e gato porque nem sempre o baixinho consegue suportar a gula infinita do seu paquidérmico companheiro e sua dificuldade em entender o óbvio ululante.

Embora as aventuras nunca deixem de ocorrer em dupla, às vezes ocorrem em trio e Goscinny & Uderzo criaram também um bom grupo de personagens secundários que tem uma importância maior neste ou naquele álbum, acompanhando os inseparáveis Asterix & Obelix. O que exerce esta função com mais frequência é o druida Panoramix, venerável sábio dos sábios que nunca deixa a profundidade e a extensão dos seus conhecimentos embotarem com antipática empáfia o seu constante bom humor. Os dois amigos vão buscá-lo na Germânia (*Asterix entre os godos*), o tem como companheiro de viagem ao Egito (*Asterix & Cleópatra*) e é por ordem dele que escalam os Alpes em busca de uma flor a ser empregada no antídoto para um questor romano envenenado (*Asterix entre os helvéticos*).

Convém lembrar que em *Asterix, o gaulês*, álbum que deu início à série, explodindo imediatamente de sucesso e levando seus criadores a abandonarem Humpá-Pá, que ia muito bem e já estava no quinto álbum, é o druida que secunda o baixinho bigodudo, com Obelix aparecendo ainda *en passant*, apenas como um personagem pitoresco que exemplifica a força física anormal dos habitantes da aldeia.

Impagável também é o delicado bardo Chatotorix, que se julga um incompreendido Paganinni da lira, condenado ao isolamento numa aldeia de bárbaros, mas que na verdade é

um chato de marca maior. Sua “voz de sistro” faz os condenados de uma galé preferirem a ela o chicote, bota pra correr até as feras do Coliseu, faz chover na Índia calcinada pela seca e ensina aos destemidos normandos o que é o medo. Temos ainda o decano Veteranix, de gênio esquentado, eterna disposição para uma briguinha e patriotismo exaltado, que é casado com a mais gostosa tetéia de todas as Gálias, diva esta que lhe é apaixonadamente fiel, quem sabe por artes de alguma manobra de alcova em que o ancião é *expert*. O gordo e *bon vivant* chefe Abracurcix é um atrapalhado, mas sabe exercer bem sua autoridade quando ela é invocada, exceto na própria casa, onde sua esposa Naftalina se queixa que não sabe onde enfiar os presentes inúteis e de mau gosto que os imbecis dos seus amigos lhe dão, e, atirando-lhe um linguado à cara, diz lhe, em prantos, que nunca deveria ter-se casado com um javali gordo e decadente (*A cizânia*). O ferreiro Automatix e o peixeiro Ordenalfabetix, sempre brigando um com o outro, também tem papel destacado na vida social da pequena aldeia resistente ao invasor romano.

E não há que esquecer o cãozinho Idéiafix, que, no álbum *Uma volta pela Gália com Asterix*, em que nossos heróis percorrem a Gália parodiando claramente a famosa prova ciclística *Tour de France*, grudou nos nossos heróis para nunca mais largá-los, emprestando seu nome e sua simpática carinha para símbolo dos Estúdios Goscinny-Uderzo.

Além do fantástico duo Asterix-Obelix e desse elenco de coadjuvantes de peso, sempre há algum personagem que se destaca nos álbuns, vide o intrigante Tullius Detritus, em *A cizânia*, o adivinho picareta Prolix em *O adivinho*, o efeminado Regius Velhacus, que só fala em economês e aparece em *Obelix & Companhia*, o entreguista chefe galo-romano Tomix em *O combate dos Chefes*, álbum no qual os autores aproveitaram para transpor para um antigo costume celta uma crítica velada ao colaboracionismo, e a irresistível Falbalá em *Asterix legionário*, versão mais desenvolvida da ninfeta Coriza (Zazá), de *O presente de César*.

Um dos aspectos mais divertidos e criativos dos álbuns de Asterix é que seus personagens estão envolvidos em quase tudo, chegando mesmo a trazer soluções para grandes enigmas históricos. Eles inventaram o método de alpinismo com cordas (*Asterix entre os helvéticos*) e a moderna tauromaquia (*Asterix na Hispânia*); derrubaram o nariz da esfinge e previram a abertura do canal de Suez (ambos em *Asterix & Cleópatra*) e a construção do túnel sobre a Mancha (*Asterix entre os bretões*); descobriram a América (*A grande travessia*); detonaram uma crise econômica sem precedentes no Império Romano (*Obelix & Companhia*); ocasionaram indiretamente sua queda ao inventar um remédio pra ressaca (*Os louros de César*); enfrentaram a primeira crise do petróleo e causaram o seu primeiro derramamento em costas bretãs (ambos em *A odisséia de Asterix*, quando o mosaico de povos que viviam na Mesopotâmia foi satirizado); instituíram as batatas fritas como prato nacional na Bélgica (*Asterix entre os belgas*) e o chá como bebida nacional na

Inglaterra (*Asterix entre os bretões*); previram a Invasão da Normandia (*Asterix entre os normandos*); estiveram numa estrebaria em Belém (*A odisséia de Asterix*); plantaram os menires de Carnac (*Asterix na Hispânia*); viveram o primeiro caso de *dopping* esportivo (*Asterix nos jogos olímpicos*); experimentaram a especulação imobiliária (*O Domínio dos Deuses*); e o sobe-e-desce dos mercados financeiros (*Obelix & Companhia*); foram escravos (*Os louros de César*) e gladiadores (*Asterix gladiador*); se envolveram nas lutas de César com Pompeu como legionários (*Asterix legionário*); distribuíram tabefes a torto e a direito, nos romanos e nos próprios camaradas e, sobretudo, paparam javalis a granel (todos os episódios da série). Nesse ínterim, aproveitaram para satirizar outros povos. Os belgas são alvos de piadas de belgas; comem couve-de-Bruxelas; produzem belos bordados; dizem que se falassem a mesma língua seriam iguais aos gauleses e o episódio dedicado a eles surge do furor que causa em Abracurcix a afirmação que Júlio César faz – afirmação, aliás, realmente constante em seus *Comentarii de Bello Galico* – que os belgas são os mais bravos dentre todos os povos da Gália. Os bretões falam *ao contrário*; não se irritam com nada; só perdendo a cabeça como torcedores de *rugby* (Compreende-se, pois não há mesmo nada mais arrebatador que o *rugby*); transitam pelas ruas de Londinium (Londres) portando guarda-sóis ou em ônibus de dois andares puxados por burros (!); aprendem a remar na tribo dos Cambridge; jogam dardos de *pub* nas suas tavernas; param tudo na hora da água quente (que eles pronunciam quente água e que era a bebida nacional até que Asterix lhes apresentasse o chá) e nos fins-de-semana (semana-fim), aproveitando-se César para atacá-los só nestes momentos (o que os leva a dizerem, chocados, que os romanos não são gentis-homens) e subjuguá-los; guiam suas carroças no lado errado das ruas e vestem trajes de *Tweed*, enquanto que suas jovens arrancam os cabelos por um quarteto de bardos que lembram muito certos rapazes de Liverpool. Os helvéticos (suíços) são de uma pontualidade irritante; de uma assepsia doentia; adoram comer *fondue*, escalar montanhas e cantar no melhor estilo tirolês; fabricam ampulhetas de precisão universalmente conhecida; gastam uma parte do ano em exercícios militares e socorrem aos beligerantes feridos sem se importar com sua nacionalidade e mesmo tendo sido eles a infringir-lhes as machucaduras. Os iberos são os próprios espanhóis, os normandos, apesar de muito mais belicosos que seus descendentes escandinavos não deixam de ter suas tangências com eles e haveria tantas semelhanças a apontar entre godos de ontem e os alemães de hoje que nem é bom começar.

Todos esses eventos apontados no parágrafo anterior, funcionam, para além do seu inegável valor humorístico, como recursos para uma *transposição* do mundo contemporâneo para o antigo e vice-versa, como um afrouxamento entre as distâncias que os muitos séculos de intervalo entre os eventos enfocados – acrescidos da evidente carência de informações – e a sua narração normalmente impõem entre esses dois períodos históricos.

É claro que o interesse dos autores é a *sátira* da História, não o *ensino* da História. Assim, há coisas contadas nas estórias da série que soam muito mais contemporâneas que antigas. Nas grandes feiras nelas apresentadas, vemos barracas de tiro ao alvo e até mesmo uma “montanha eslava” e aí é o mundo contemporâneo que se transpõe para o antigo. Em *Asterix Entre os Bretões*, nossos heróis jogam *rugby*, quando sabemos que este esporte só foi inventado no século XIX, na *Rugby School*. Vemos a criação das batatas fritas, prato nacional belga em *Asterix entre os belgas*, quando as batatas, oriundas da América, só seriam introduzidas na Europa muito mais tarde. Em *Asterix e o Caldeirão*, Obelix, e depois Asterix, demolem paulatinamente os gladiadores de uma feira de diversões, num modelo de desafio público que vigorou muito no Brasil do começo do século XX, tendo chegado a ser citado na comédia de costumes *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro, algo do tipo “Agüente cinco minutos com o Hércules do circo e ganhe não sei quantos mil-réis...”.

Quando se espera veracidade histórica nas aventuras de Asterix há que se ir com uma certa cautela, pois, muito embora os autores se documentem com absoluto critério, se permitem invocar a licença poética e passar por cima dessa mesma documentação. Não obstante, com todas essas licenças – que não são deslizes, são opções – traçam um painel vivo e, sobretudo, extremamente bem-humorado de *um mundo antigo perpassado de contemporaneidade*. Ou seria mais certo dizer: *um painel do mundo contemporâneo travestido de antigüidade*? Como essa dúvida não é mesmo fácil de sanar e os elementos de ambas as eras se misturam sem maiores constrangimentos, optemos por dizer que o que promovem em suas HQs *é uma interseção entre o contemporâneo e o antigo*.

Heróis imaginários da resistência gaulesa ao invasor romano, Asterix, Obelix *and crew* são os instrumentos que seus criadores têm para traçar uma sátira demolidora não só ao francês médio, como ao mundo contemporâneo, que, *ao se interseccionar com o antigo mais do que se transpor para ele*, deixa transparecer, *no mundo que resulta dessa interseção*, uma significativa semelhança da Gália ocupada com a França ocupada, dos romanos invasores com os nazistas invasores, da aldeia dos irredutíveis com o movimento dos *Maquis* e de Asterix (porque não?) com Jean Moulin.

Outro aspecto do humor de Asterix é o nome dos seus personagens, que não deixam, também, de aproximá-los da contemporaneidade. Os garbosos nomes romanos se transformam em Fordecus, Cumulonimbus, Quinhentusmangus, Apagalus, Acendealus, Saintlouisblus, Detritus, Velhacus, Diplodocus, Pipadetintus, Tadevirus, Superegus e Eumbaratus (a depender da tradução, estes dois últimos podem ser Motocontinus e Ficasentadus). Os egípcios são Pedibis, Numerobis, Misanplis e Timetamón. Os gauleses, numa alusão clara a Vercingetórix, são Alambix, Calhambix, Docontrix, Neurastenix, Madamebovarix, Beladecadix, Amerix, Pneumatix, Prognostix, Porquepix, Tremelix,

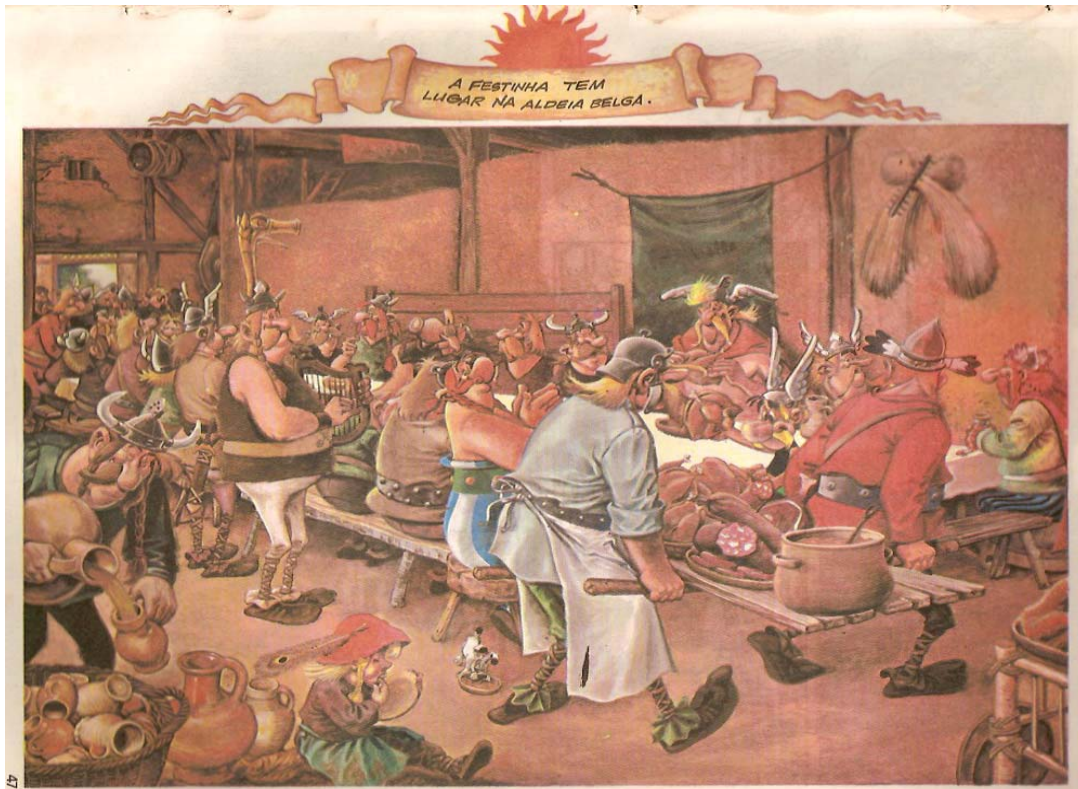
Literatix, Asmatix, Chucutrix, Barbarix, Analgesix, Nauseabundix, Execramentix, Orifix, Precipix, Carrapix e Exercix. E suas mulheres são Ielosubmarina, Naftalina, Angina, Gelatina e etc. Já os bretões terminam em "Ax": Fogonaropax (a depender da tradução pode ser Cinemapax), Relax, Sintax, Ipipurax e Antrax. Seu líder supremo é Godseivzekingos e o chefe do equivalente bretão da aldeia gaulesa resistente é Zebigboss, o caledoniano (escocês) é Macarronix e o hiberniano (irlandês), Otorrinolaringologix. Se lembrarmos que os sobrenomes escoceses começam por Mac e os irlandeses por O', veremos quão acertada foi a opção. "Af" é o sufixo de todos os nomes normandos em *Asterix e os normandos* e "En" em *A grande travessia*. Assim, no primeiro, temos Batiscaf, Esferograf, Espinaf, Estaf e Desabaf. No segundo, Ibsen vira Obsen além de aparecerem Kerosen e Senoecosen.

Mas, com certeza, a "mania" mais engraçada dos criadores de Asterix é a de fazer citações, sejam textuais ou imagéticas. O bardo Chatotorix, por exemplo, é pródigo nelas. Ele faz referência a Jorge Ben (Jor) cantando "Moro num país temperado, abençoado por Tutatis", afugenta uma patrulha romana e toda a fauna de uma floresta no melhor (pior) estilo Jovem Guarda ao cantar "Olha só que celta de arromba" e teria criado uma canção que, com o passar dos séculos, teria se transformado em *When The Saints Go Marching In*, o hino internacional do jazz, e cuja letra pergunta "O que é que sente, o que é que sente um javali?". O druida panoramix antecipa Napoleão ao dizer, em *Asterix & Cleópatra, Do alto destas pirâmides, Obelix, trinta séculos nos contemplam* (Gosciny & Uderzo, 1985: 23) e o líder dos normandos, em *A grande travessia*, diante de uma caveira, constata que há algo de podre no seu reino, enquanto que seu auxiliar, na dúvida de ter descoberto ou não um novo mundo é ainda mais explícito nas citações shakespearianas e diz "Ser ou Não Ser. Eis a Questão."

As citações musicais do bardo Chatotorix se completam, no aspecto visual, com hilariantes referências às mais célebres esculturas antigas que são feitas em *Os louros de César* e à Estátua da Liberdade – personificada por Asterix com um pictograma numa das mãos e uma tocha na outra – e às estrelas do emblema da USAF e as da bandeira estadunidense, usadas para representar a dor dos índios, em *A grande travessia*; ao famoso *Manneken Pis* belga, em Asterix entre os belgas e à *Barca da Medusa* de Théodore Gericault, em *Asterix legionário*. O efeito é sempre hilariante, pois quem sabe do que os autores estão falando, ri da idéia de se fazer esta citação, quem não sabe, ri da cena em si.

Como seria impossível trazer para estas poucas páginas tudo que há em Asterix a cujo respeito eu gostaria de falar, trouxe apenas uma imagem, que exemplifica esse salutar hábito das citações. Este banquete na aldeia belga, representado num quadrinho de página do episódio *Asterix entre os belgas* é, nada mais nada menos, que uma recriação bem humorada da famosa *Ceia campestre* de Brueghell. Vale a pena – e muito – comparar a figura da criança lambendo o dedo do grande mestre do Renascimento do Norte e a

recriação que dela fizeram a dupla de quadrinistas franceses. Achando pouco, o roteirista Goscinny exhibe sua famosa erudição citando Victor Hugo com bastante acerto. Por tudo isto e muito mais, Asterix é sempre *show* de bola.



Ao lado, fragmento da obra original de Pieter Brueghel, o Velho. Acima, a saborosa recriação por Goscinny & Uderzo. Um exemplo marcante do diálogo entre a Nona-Arte e as Belas-Artes.